

GUIA DE ALBATROZES E PETRÉIS PARA PESCADORES

Saiba como
identificar
as principais
espécies
avistadas
em águas
brasileiras



Projeto
Albatroz
BRASIL



EXPEDIENTE

TEXTO:
Gabriel Canani Sampaio e Juliana Justino

REVISÃO:
Caio Azevedo Marques e Juliana Justino

EDIÇÃO:
Tatianne Fonseca

DESIGN GRÁFICO:
Gustavo Antelmi

CAPA:
Dimas Gianuca

REALIZAÇÃO:
Instituto Albatroz



Patrocínio:



Projeto Albatroz

Criado em Santos (SP), o Projeto Albatroz trabalha desde 1990 com o objetivo de reduzir a captura incidental de albatrozes e petréis na pesca de espinhel. Este trabalho é realizado através do desenvolvimento de pesquisas científicas, participação em políticas públicas e um amplo trabalho de educação ambiental com pescadores, crianças da primeira infância, jovens e público em geral.

O projeto tem o patrocínio da Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental desde 2006. Atualmente, além da base em Santos (SP), também opera nas cidades de Rio Grande (RS), Itajaí (SC), Florianópolis (SC), Cabo Frio (RJ), Itaipava (ES) e Natal (RN). Também conta com o apoio de instituições públicas, privadas, e do terceiro setor, nacionais e internacionais, de pesquisa, gestão e educação.

Albatrozes e petréis sofrem especialmente devido à poluição dos oceanos com lixo plástico e a interação com a pesca de espinhel pelágico - técnica de pesca industrial praticada em alto-mar para capturar peixes de grande porte como atuns, espadartes e tubarões. Ao tentarem comer as iscas lançadas ao mar, as aves ficam presas aos anzóis e são puxadas para dentro da água, onde morrem afogadas. Contudo, essa interação com a pesca pode ser evitada, pois estudos realizados comprovaram que o uso simultâneo de três medidas de mitigação pela embarcação reduz a chance de captura das aves.

Albatrozes e petréis

As aves marinhas são o grupo de aves mais ameaçado de extinção, com cerca de 110 (30%) das 359 espécies reconhecidas em algum nível de ameaça e outras 69 (11%) reconhecidas como “Quase Ameaçadas”. Estas aves passam a maior parte da vida pelo oceano aberto buscando alimento, voando sobre a água ou pousando nela. Albatrozes e petréis, por sua vez, visitam costas ou ilhas apenas para se reproduzir e cuidar do filhote.



Tubo nasal de petrel-gigante
(Procellariidae)



Tubo nasal de albatroz
(Diomedidae)

O grupo enfrenta diversas fontes de impactos negativos em suas populações, tanto em terra, em suas colônias, como destruição de habitat e introdução de espécies exóticas invasoras, quanto no mar, onde destacam-se a poluição e a captura incidental em pescarias.

Essas aves marinhas ocorrem em todos os oceanos, de águas costeiras até regiões oceânicas, e são consideradas um bom indicador de mudanças em ecossistemas marinhos e costeiros, bem como da influência de pescarias nestes ambientes.

Os albatrozes e petréis são aves extremamente adaptadas à vida marinha oceânica, e pertencem ao grupo dos Procellariiformes. Esta ordem é caracterizada pelas narinas em forma de tubo, e seu nome vem do latim *procella*, que significa tempestade. Estas aves da tempestade ocorrem em todos os oceanos, e são divididas em 4:

Albatrozes (Diomedidae);

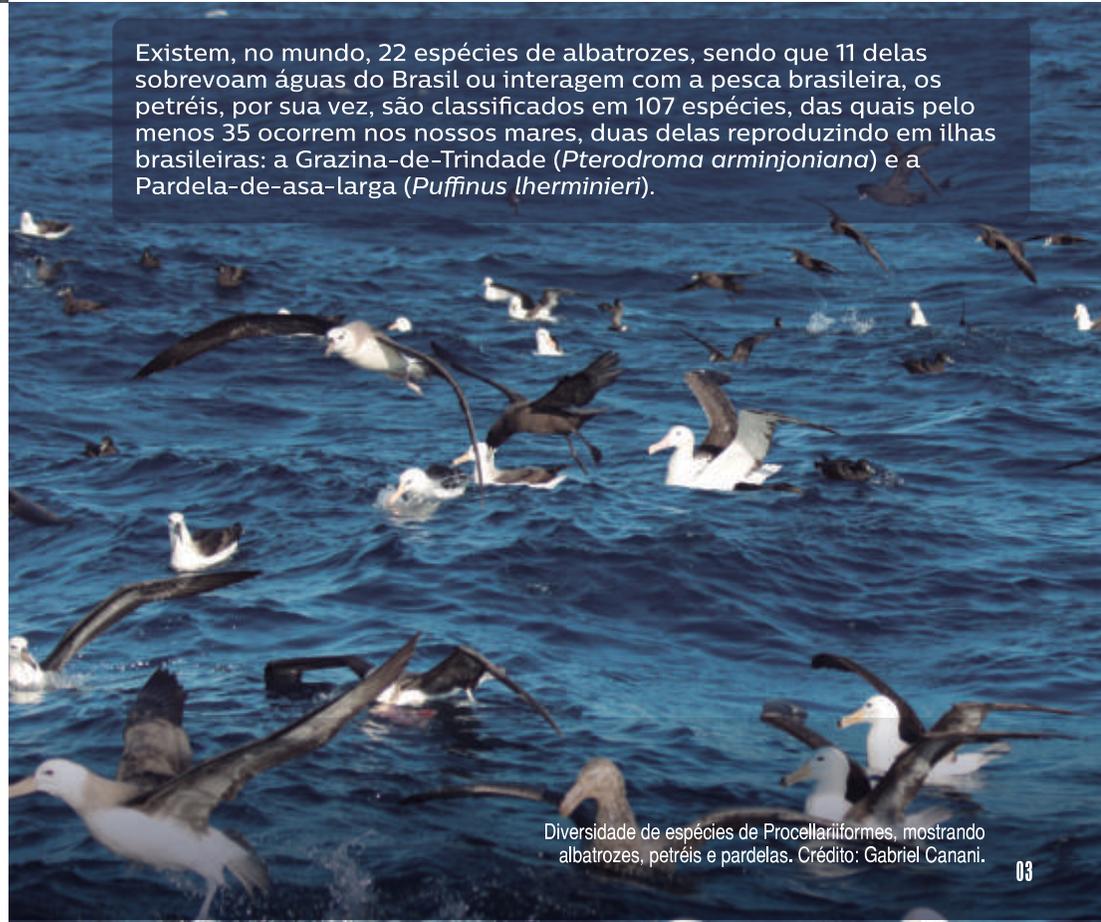
Petréis (Procellariidae);

Petréis-da-tormenta (Hydrobatidae)

Petréis mergulhadores
(Pelecanoididae).

Estes grupos são diversos, e abrangem desde petréis de tormenta que podem pesar 20 gramas, e ter pouco mais de 30 centímetros entre as pontas das asas, até albatrozes gigantes do gênero *Diomedea* que chegam aos 11 kg e três metros e meio de envergadura. Têm estratégias de vida em comum, reproduzindo-se sempre na mesma ilha em que nasceram, e produzindo poucos filhotes. Estas características indicam uma baixa resistência a mudanças em seu ciclo de vida, e faz com que este seja um dos grupos de aves mais ameaçados de extinção.

Existem, no mundo, 22 espécies de albatrozes, sendo que 11 delas sobrevoam águas do Brasil ou interagem com a pesca brasileira, os petréis, por sua vez, são classificados em 107 espécies, das quais pelo menos 35 ocorrem nos nossos mares, duas delas reproduzindo em ilhas brasileiras: a Graziña-de-Trindade (*Pterodroma arminjoniana*) e a Pardela-de-asa-larga (*Puffinus lherminieri*).



Diversidade de espécies de Procellariiformes, mostrando albatrozes, petréis e pardelas. Crédito: Gabriel Canani.


 Espécies encontradas no Brasil

Albatrozes

Albatroz-de-sobrancelha-negra

(*Thalassarche melanophris*)

QUASE AMEAÇADO

NT

TAMANHO:

Grande

DIMENSÕES:

Bico: 11 - 12 cm
Corpo: 80 - 95 cm
Asa: 51 - 56 cm



É a espécie mais abundante de albatroz no inverno, quando jovens e adultos visitam águas brasileiras para se alimentar. Faz ninhos em ilhas próximas da Antártida, na primavera e verão.

Possui uma mancha escura bem característica na região dos olhos, formando uma “sobrancelha”. Quando adultos, apresentam bico laranja com a ponta avermelhada, jovens apresentam o mesmo tamanho de adultos, porém com o bico amarelo escuro ou castanho, com ponta escura. Nessa espécie, a cabeça e o corpo são brancos, com o dorso preto, e as asas possuem a parte superior escura.

Albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico

(*Thalassarche chlororhynchos*)

EM PERIGO

EN



TAMANHO:

Grande

DIMENSÕES:

Bico: 10 - 12 cm
Corpo: 75 cm
Asa: 48 - 52 cm

É a menor espécie de albatroz e faz ninhos no arquipélago de Tristão da Cunha, no centro sul do Atlântico. Pela proximidade de suas colônias, são os albatrozes mais frequentes nos mares brasileiros durante o ano todo.

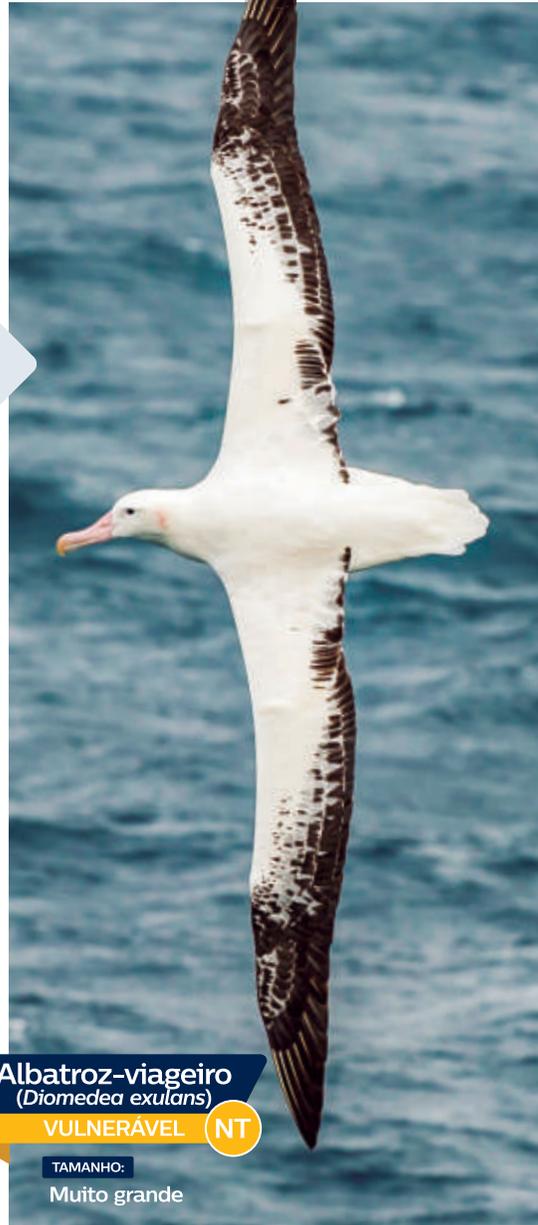
Possui mancha escura na região dos olhos e bico predominantemente preto. Quando adultos, apresentam uma faixa amarela na parte de cima e ponta do bico rosada. Nessa espécie, a cabeça e o corpo são brancos com regiões mais acinzentadas e o dorso preto, e as asas possuem a parte superior escura.

Albatroses gigantes

DIMENSÕES: Bico: 15 - 19 cm / Corpo: 107 - 135 cm / Asa: 60 - 71 cm

Dentre os albatroses que ocorrem no Brasil, quatro espécies são consideradas “albatroses gigantes” e compartilham características físicas que tornam difícil sua diferenciação. Por isso, são apresentadas juntas neste guia:

Esses grandes albatroses podem atingir até 3,5 metros de envergadura (de uma ponta da asa a outra), sendo consideradas as maiores aves do mundo em envergadura, maiores até do que o condor e o maribu.



Albatroz-viageiro
(*Diomedea exulans*)

VULNERÁVEL (NT)

TAMANHO:
Muito grande

Albatroz-real-meridional
(*Diomedea epomophora*)

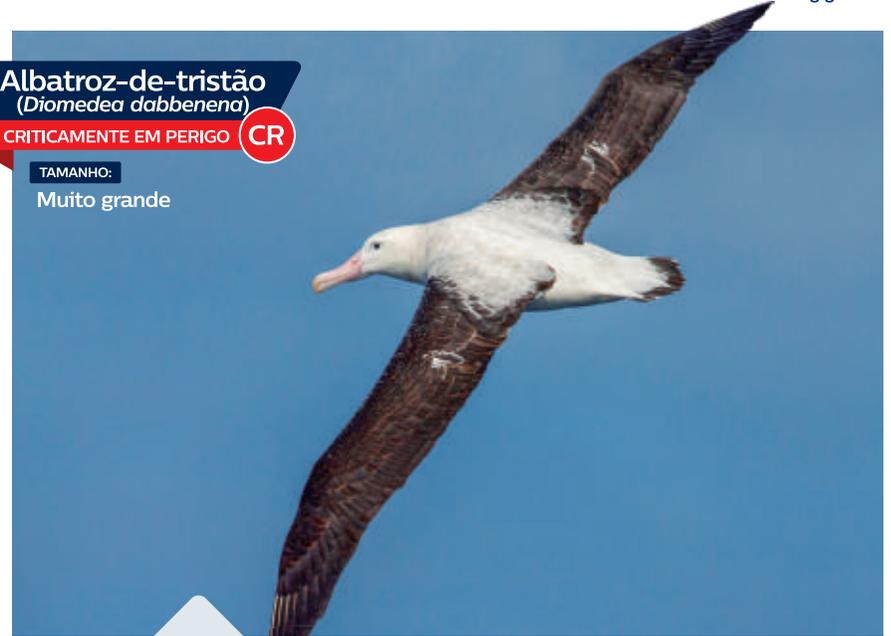
VULNERÁVEL (NT)

TAMANHO:
Muito grande

Albatroz-de-tristão
(*Diomedea dabbenena*)

CRITICAMENTE EM PERIGO (CR)

TAMANHO:
Muito grande



Os bicos dessas espécies são rosa-claro. A cabeça e o corpo são brancos e as asas têm a parte superior e as pontas inferiores escuras. Indivíduos jovens apresentam tamanhos semelhantes aos adultos, porém, com coloração distinta: dorso e cabeça marrons, e máscara e parte inferior das asas brancas.

Albatroz-real-setentrional
(*Diomedea sanfordi*)

EM PERIGO (EN)

TAMANHO:
Muito grande



Pardelas e petréis

Pardela-preta
(*Procellaria aequinoctialis*)

VULNERÁVEL NT

TAMANHO:

Médio

DIMENSÕES:

Bico: 48 - 55 cm

Corpo: 50 - 55 cm



Ave com ampla distribuição que faz ninhos em ilhas próximas da Antártida, como as ilhas Geórgia do Sul e Malvinas. Possui plumagem marrom-escura a preta uniforme, bico amarelo claro com manchas negras e pés totalmente negros. Apresenta uma mancha branca no queixo, bastante característica.

Pardela-de-óculos
(*Procellaria conspicillata*)

VULNERÁVEL NT

TAMANHO:

Médio

DIMENSÕES:

Bico: 48 - 54 cm

Corpo: 55 cm



A **pardela-de-óculos** é a espécie de Procellariforme mais frequente o ano todo em águas brasileiras, sendo muito comum encontrá-la acompanhando barcos espinheleiros, aproveitando os descartes de peixes e iscas usadas na pescaria. Um pouco menor que a **pardela-preta**, caracteriza-se pela máscara facial branca com formato que lembra um “**óculos**”. Possui bico amarelo com tonalidade mais escura na ponta e corpo preto. Só se reproduz no arquipélago Tristão da Cunha, no Oceano Atlântico.



TAMANHO:
Pequeno
DIMENSÕES:
Corpo 34 cm

Bobo-pequeno
(*Puffinus puffinus*)

POUCO PREOCUPANTE **LC**

O **bobó-pequeno** se reproduz em ilhas do Atlântico Norte e migra para o sul durante o inverno, podendo ser avistado pela costa brasileira. O ventre é quase todo branco, as costas muito escuras e a cabeça quase negra, com exceção da garganta e das faces abaixo dos olhos. Nessa espécie, o bico é fino e preto e os pés são rosados, com membranas interdigitais cinza-azuladas.

O **bobó-grande** faz ninhos no arquipélago Tristão da Cunha e nas ilhas Gough e Malvinas, e migra para o Hemisfério Norte e região Nordeste do Brasil. Apresenta bico preto e coloração marrom-acinzentada na parte superior do corpo, com áreas brancas na base da cauda e um colar na região do pescoço. A parte inferior do corpo é branca com uma mancha marrom escura no abdômen e na borda das asas.

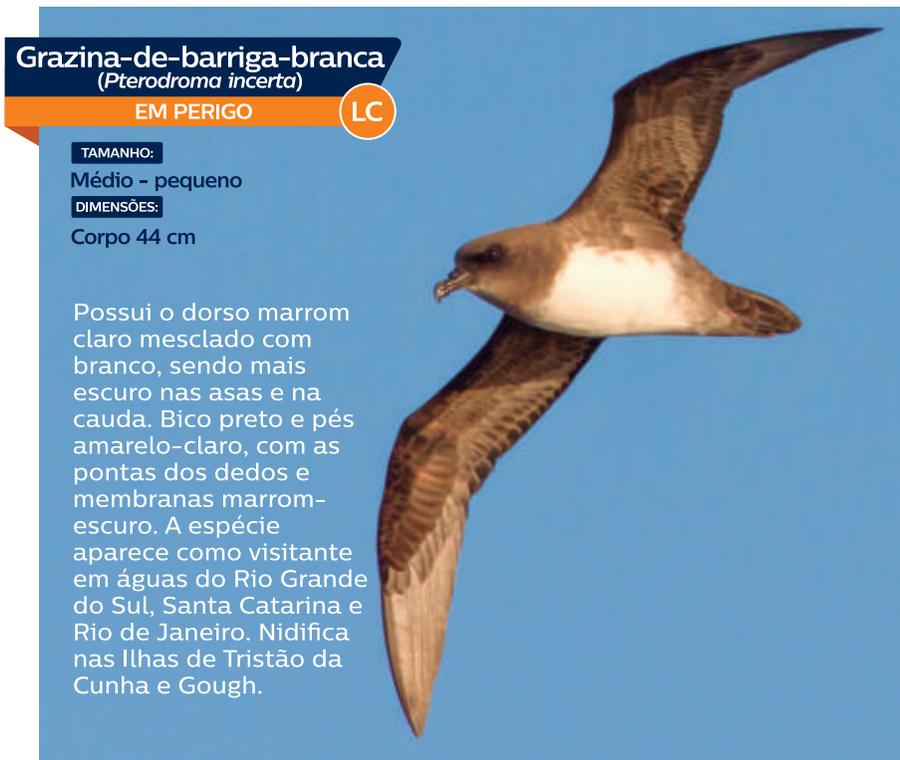


Bobo-grande
(*Ardenna gravis*)

POUCO PREOCUPANTE **LC**

TAMANHO:
Médio - pequeno
DIMENSÕES:
Corpo 47 cm

A envergadura das asas pode chegar a 1,12 metros.



Grazina-de-barriga-branca
(*Pterodroma incerta*)

EM PERIGO **LC**

TAMANHO:
Médio - pequeno
DIMENSÕES:
Corpo 44 cm

Possui o dorso marrom claro mesclado com branco, sendo mais escuro nas asas e na cauda. Bico preto e pés amarelo-claro, com as pontas dos dedos e membranas marrom-escuro. A espécie aparece como visitante em águas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro. Nidifica nas Ilhas de Tristão da Cunha e Gough.



TAMANHO:
Médio - pequeno
DIMENSÕES:
Corpo 55 cm

Foto: Victória Benemann

Pardela-de-Trindade
(*Pterodroma arminjoniana*)

VULNERÁVEL **NT**

Essa espécie se reproduz no Brasil, fazendo seus ninhos no arquipélago de Trindade e Martim Vaz, localizado no Oceano Atlântico a aproximadamente 1.200 km do continente. Aparentemente, essa ave não interage com a pesca, mas enfrenta problemas em sua área de reprodução, tais como diminuição da cobertura vegetal e introdução de animais domésticos. Pode chegar a um metro de envergadura e apresenta variação de cores de plumagem, com tons mais claros (raros) ou escuros (comuns).



Petrel-gigante
(*Macronectes giganteus*)

LC POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO:

Grande

DIMENSÕES:

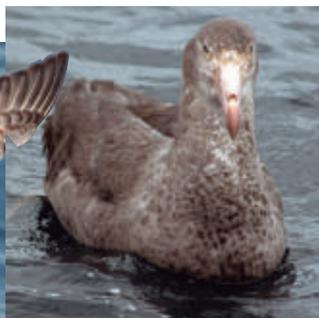
Bico: 8 - 11 cm
Corpo: 87 cm



Apresenta bico grande e rosado com a ponta esverdeada (*M. giganteus*) ou avermelhada (*M. halli*) com tubos nasais bem desenvolvidos.

Petrel-gigante-do-norte
(*Macronectes halli*)

POUCO PREOCUPANTE LC



TAMANHO:

Grande

DIMENSÕES:

Bico: 8 - 11 cm
Corpo: 87 cm

Alma-de-mestre
(*Oceanites oceanicus*)

POUCO PREOCUPANTE LC

TAMANHO:

Muito pequeno

DIMENSÕES:

Corpo: 20 cm
Asa: 40 cm



É o menor dos petréis do Brasil, semelhante a uma andorinha. Possui corpo e asas preta-amarronzadas, com uma faixa branca na base da cauda. Os pés são longos e pretos, na mesma cor do bico, com membranas interdigitais amarelas.



Curiosidade

Seu nome popular teve origem em seus longos pés. Por ser uma ave de alto-mar, acreditava-se que esses sons vinham de almas de mestres ou capitães de navios que se perderam no mar. Também são conhecidos como “**Pé- quente**” ou “**Lava-pés**”, pelo seu hábito de bater os pés na água em busca de plâncton.

Outras aves

Apesar de não pertencerem ao grupo dos Procellariiformes, algumas outras aves marinhas também podem interagir com a pesca e são frequentemente avistadas no oceano. Elas aparecem neste guia, pois eventualmente podem ser confundidas com albatrozes e petréis.

Atobá-mascarado (*Sula dactylatra*)

Tamanho: Médio

Os atobás são excelentes mergulhadores. A envergadura dessa espécie pode chegar a 1,5 metros.

O **Atobá-mascarado** tem o corpo branco com as asas e cauda marrom-escuras, e o bico e os pés são amarelos. Na face, apresentam uma mancha preta-azulada ao redor dos olhos e da base do bico.

Atobá-marrom (*Sula leucogaster*)

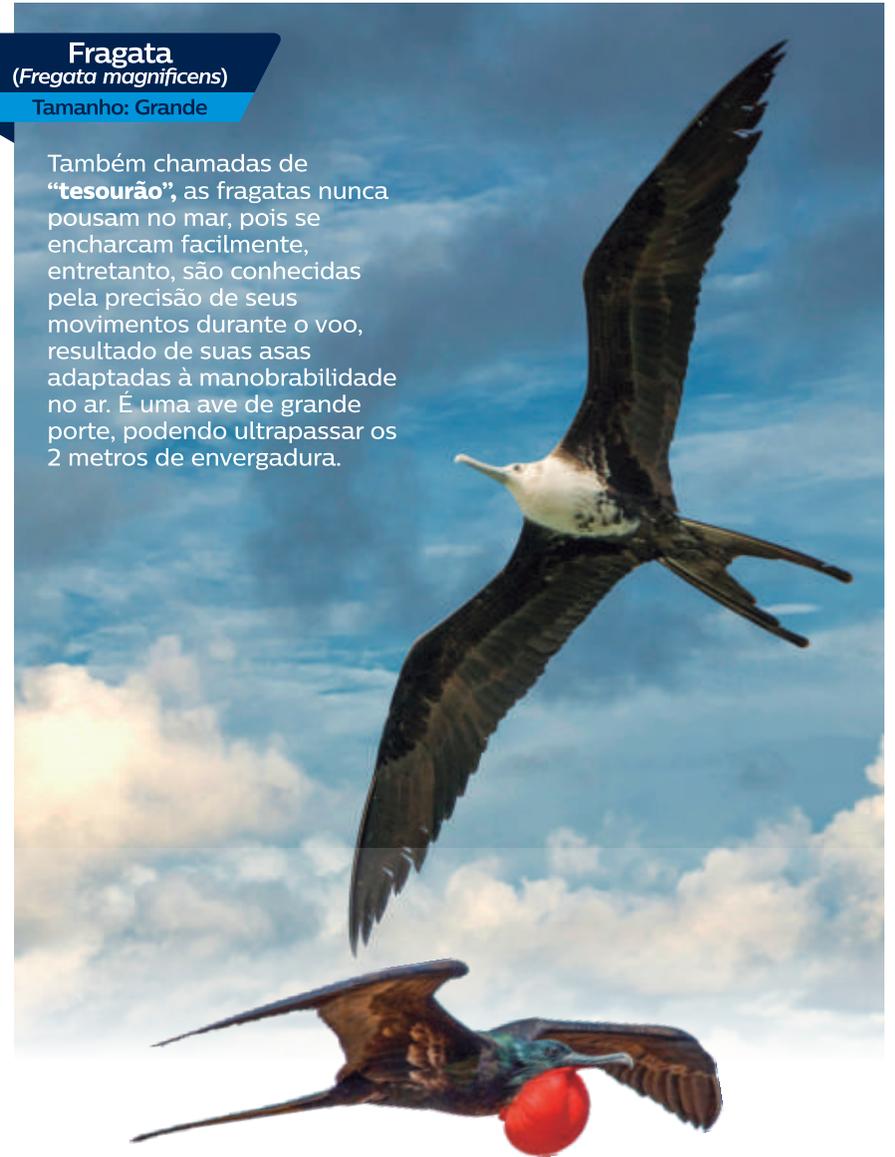
Tamanho: Médio

O **Atobá-marrom** possui o corpo predominantemente marrom-escuro com a parte inferior do corpo e das asas brancas. Os pés e bicos também são amarelos nessa espécie. O bico da fêmea é amarelo-rosado, enquanto o do macho é amarelo-azulado. Sua envergadura é de até 1 metro.

Fragata (*Fregata magnificens*)

Tamanho: Grande

Também chamadas de “**tesourão**”, as fragatas nunca pousam no mar, pois se encharcam facilmente, entretanto, são conhecidas pela precisão de seus movimentos durante o voo, resultado de suas asas adaptadas à manobrabilidade no ar. É uma ave de grande porte, podendo ultrapassar os 2 metros de envergadura.



O macho tem o corpo predominantemente preto, podendo apresentar manchas claras no peito quando jovem, enquanto a fêmea é preta com o peito e as laterais do pescoço brancas. Durante a época de reprodução, o macho infla um papo vermelho para atrair a atenção da fêmea. Possuem cauda furcada, em forma de tesoura, que dá origem ao seu nome popular.

Os **trinta-réis** são um grupo de pequenas aves marinhas que apresentam uma aparência similar entre si, com corpo e cabeça brancas, penas da cauda alongadas (algumas bifurcadas), asas cinzas em cima e claras embaixo, e patas que vão do amarelo ao vermelho. Quando estão se preparando para a reprodução, podem apresentar penas escuras na forma de um capuz na cabeça, e bicos vermelhos e amarelos. Estas aves possuem um comportamento de alimentação bastante típico, em que mergulham em direção à água e antes que a atinjam, sobem novamente, 'beliscando' a



Trinta-réis
(*Sterna sp.*)

Tamanho: Pequeno

Foto: Fernando Faria

superfície e capturando suas presas, geralmente pequenos peixes e lulas. Podem ser encontradas descansando em grupos mistos na beira da praia, junto com maçaricos e gaivotas.

Gaivotão
(*Larus dominicanus*)

Tamanho: Médio



O **gaivotão** é uma das aves mais comuns em todo o litoral brasileiro, podendo ser avistada durante todo o ano em grandes grupos, inclusive em locais urbanizados. Estas aves oportunistas podem ser encontradas comendo resíduos de casas e restaurantes, o que pode causar problemas na saúde dos animais, já que sua alimentação natural consiste de peixes, lulas e carcaças. Os adultos possuem bico amarelo com uma mancha vermelha na ponta do bico, na região inferior, apresentam pés amarelos e o corpo branco, com a parte superior das asas pretas. Quando jovens, têm o corpo marrom-acinzentado e os bicos e pés pretos.

Gaivota-rapeira
(*Catharacta skua*)

Tamanho: Grande



Foto: Fernando Faria

As **gaivotas rapineiras**, também conhecidas como **Skuas** ou **Mandriões**, são um grupo irmão dos gaivotões, apresentando um "jeitão" bastante parecido com eles, apesar de serem maiores e apresentarem distribuição mais oceânica. As aves deste grupo possuem plumagem mais escura do que a das gaivotas costeiras, com maior parte do corpo em tons de cinza, marrom e cor de ferrugem, e bicos e patas escuras. As Skuas são conhecidas por seu oportunismo, podendo se alimentar de outras aves, de ovos e filhotes em ninhos, moluscos, crustáceos, roedores e carcaças. Muitas delas apresentam penas do meio da cauda alongadas, formando um "rabinho", bastante característico.

Gaivota-rapeira
(*Stercorarius parasiticus*)

Tamanho: Grande





Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:

